

REVISTA



SANTÍSSIMA VIRGEM

Edição Maio/ Junho 2026



**O MISTÉRIO SALVÍFICO
DO CORPO E SANGUE
DE CRISTO QUE
NOS GUARDA PARA
A VIDA ETERNA**



Editorial - O mistério que nos sustenta e as pequenas vitórias que nos transformam

Nesta edição da Revista Santíssima Virgem, dedicada aos meses de maio e junho, somos convidados a mergulhar em dois aspectos profundos da vida cristã que se entrelaçam e dão sentido à nossa caminhada de fé. De um lado, contemplamos o mistério salvífico do Corpo de Cristo, fonte de vida, unidade e redenção para toda a humanidade, continuamente atualizado pela ação do Espírito Santo na Igreja. De outro, voltamos nosso olhar para a beleza e a importância das pequenas vitórias do cotidiano, sinais discretos, mas reais, da presença e da ação do Espírito de Deus em nossa vida.

Entre o altar e a vida diária, entre o sagrado celebrado e o sagrado vivido, esta edição propõe uma reflexão que une o extraordinário da graça divina ao simples dos gestos humanos. Assim, somos chamados a reconhecer que o mesmo Cristo que se oferece por nós na Eucaristia também se faz presente nas pequenas escolhas de amor, fidelidade e esperança que realizamos todos os dias.

No coração da Igreja está a Eucaristia, onde o próprio Cristo se oferece como alimento. A tradição cristã reconhece a Eucaristia como fonte e ápice da vida da Igreja, pois nela Cristo continua a agir, a salvar e a unir os fiéis em um só corpo. Mas esse mistério não permanece apenas no altar, pois ao receber o Corpo de Cristo, tornamo-nos também corpo, comunidade, presença de amor no mundo. Somos chamados a viver aquilo que celebramos: a partilha, o perdão, a reconciliação e o cuidado com o próximo. É justamente nesse cotidiano que se revelam as pequenas vitórias da vida cristã. Muitas vezes, esperamos grandes mudanças, milagres visíveis ou conquistas extraordinárias. Contudo, o Reino de Deus cresce de forma silenciosa: na paciência diante das dificuldades, no gesto de perdão, na fidelidade às

responsabilidades, na oração perseverante mesmo quando não sentimos nada.

Neste tempo de maio e junho — marcado pela luz da Páscoa e pela esperança renovada — somos convidados a redescobrir esse duplo caminho: contemplar o mistério grandioso do Corpo de Cristo e valorizar as pequenas vitórias que sustentam nossa fé no dia a dia.

Que possamos nos aproximar da Eucaristia com reverência e consciência, reconhecendo nela o dom maior de Deus. E que, fortalecidos por esse alimento espiritual, sejamos capazes de transformar nossas pequenas ações em testemunhos vivos do amor de Cristo no mundo. Porque, no fim, é assim que o mistério da salvação continua acontecendo: no altar e, também, na vida.

Enfim, é no encontro entre a Eucaristia, o Espírito Santo e a vida cotidiana que a fé cristã se torna plenamente viva. O mesmo Espírito que consagra o pão e o vinho, tornando-os Corpo de Cristo, é aquele que age silenciosamente em nossos corações, transformando também nossas pequenas ações em sinais concretos de amor. Alimentados pela Eucaristia e guiados pelo Espírito Santo, somos fortalecidos para viver a fé nas coisas simples: no cuidado com o próximo, na paciência, no perdão e na fidelidade diária. Assim, o mistério celebrado no altar se prolonga na vida, e cada gesto de amor, por menor que pareça, torna-se participação real na obra salvadora de Cristo. Que assim seja. Boa leitura!

Sandra Regina Pícolo



Sumário

2 EDITORIAL

4-5 **Voz do vigário**
Conhecendo o novo vigário

6-7 **DESTAQUE - CAPA**
Mistério Salvífico do Corpo de Cristo

8-9 **CATEQUESE EM FOCO**
O Espírito Santo na Igreja Católica

10 **EVENTO PASTORAL**
Quermesse

11 **SAÚDE MENTAL**
Ansiedade

12-13 **SAÚDE / INCLUSÃO**
A gente não passa pelo que não precisa passar

14 **SAÚDE / INCLUSÃO**
Deus nos fez assim?

15 **VOLANTE**
caminhos de renovação espiritual da fé católica

16-17 **GALERIA**

15 **AGENDA**

REVISTA SANTÍSSIMA VIRGEM
da Paróquia Santíssima Virgem

REALIZAÇÃO:
PASCOM

DIREÇÃO: Pe. Wagner Franzini

COORDENAÇÃO:
Udemia L. S. Carvalho.

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
José Neves S. Filho (MTB 54.336).

CONSELHO EDITORIAL:
Núcleo Revista Pascom
Santíssima.
Elisabete Carvalho
Padre Guillermo Daniel
Micheletti
José Neves S. Filho
Luciano Domingos
Robson Vanderlei Alves de
Andrade
Rosana Irie
Sandra Regina Picolo
Udemia L. S. Carvalho
Ivanir Júnior

REVISÃO FINAL:
Luciano Domingos.

EDIÇÃO E REVISÃO:
Sandra Picolo.

PROJETO GRÁFICO:
Ivanir Júnior

DIAGRAMAÇÃO: Rodrigo
Caserta e Ivanir Júnior

CAPA: Ivanir Júnior

FOTOS:
Gabi Rodrigues
Luciano Domingos
Veneranda Pereira

COLABORADORES:
José Guida Neto
Kica Castro
Regiane Monteiro
Gabiella Brito

OBSERVAÇÃO: Os artigos são de
responsabilidade de seus autores.

FUNCIONAMENTO DA IGREJA

Secretaria:

Av. Índico, 583, Jardim do Mar - SBC/SP
A Secretaria Paroquial
(Fabiano, Tainá e Juliano) tem
os seguintes contatos:
Fixo 11 4330-4289
WhatsApp 11 94078-9583 |
11 96610-2330

ATENDIMENTO SACERDOTAL -
ACONSELHAMENTOS E CONFISSÕES

Terça-feira - das 10h às 11h30
Quarta e quinta-feira - das 15h às 17h

Atendimento na secretaria paroquial
por ordem de chegada

**TODOS OS DOMINGOS,
CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA
CAPELA SÃO BERNARDO, NO
CEMITÉRIO DA VILA EUCLIDES
ÀS 09 HORAS.**

Contatos: Preferencialmente
pelo WhatsApp
e-mails: ssvirgem@gmail.com
santissima@diocesesa.org.br

Redes:
Instagram: @paroquiasantissimavirgem
Youtube: paroquiasantissimavirgem

E COM A PALAVRA, O VIGÁRIO!

“Eu percebi a vontade de Deus no pedido do Bispo Dom Pedro Carlos para que eu viesse para a Paróquia Santíssima Virgem e, por isso, eu disse SIM.”



O Catecismo da Igreja Católica, quando nos instrui sobre a Eucaristia como o memorial da Páscoa de Cristo, em seu parágrafo 1369, explica a hierarquia ministerial da Igreja, fazendo-nos entender o porquê tantos homens respondem SIM ao chamado que Deus os faz:

CIC 1369 A Igreja inteira está unida à oferta e à intercessão de Cristo. Encarregado do ministério de Pedro na Igreja, o Papa está associado a cada celebração da Eucaristia em que ele é mencionado como sinal e servidor da unidade da Igreja universal. O Bispo do lugar é sempre responsável pela Eucaristia, mesmo quando é presidida por um presbítero; seu nome é nela pronunciado para significar que é ele quem preside a Igreja particular, em meio ao presbitério e com a assistência dos diáconos. A comunidade intercede assim por todos os ministros que, por ela e com ela, oferecem o Sacrifício Eucarístico:

Que se considere legítima só esta Eucaristia que se faz sob a presidência do Bispo ou daquele a quem este encarregou.

É pelo ministério dos presbíteros que se consuma o sacrifício espiritual dos fiéis, em união com o sacrifício de Cristo, único mediador, oferecido em nome de toda a Igreja na Eucaristia pelas mãos dos presbíteros, de forma incruenta e sacramental até que o próprio Senhor venha.

Por crer no Cristo e acreditar nesta grande instituição chamada Igreja Católica, é que o Padre Victor Pereira Guimarães, ou simplesmente Padre Victor, disse sim ao chamado que Deus fez a ele. O olhar atento e o sorriso largo e acolhedor conseguem esconder ou disfarçar a personalidade tímida, mas nunca poderão esconder a alegria que carrega consigo pela vocação que assumiu. Ele é, atualmente, ao lado do Padre Guillermo Daniel Micheletti, um dos vigários da Paróquia Santíssima Virgem.

O Padre Victor é natural de Mauá, cidade da Região do Grande ABC, em São Paulo. Nasceu no dia 10 de dezembro de 1998. Muito apegado a sua família, é o caçula de três irmãos.

Passou a sua infância e adolescência na cidade, frequentando a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Jardim Zaira. Ir à

igreja era encarado por ele como algo obrigatório, mas que ao mesmo tempo gostava pois sempre ia para ver sua mãe cantar. Durante os ensaios aos quais acompanhava a sua mãe, passou a fazer amizades com outros jovens e, a partir de então, começou a encontrar o seu espaço na vida da comunidade. Mas o seu engajamento na vida de igreja deu-se após o Sacramento da Crisma.

De tantas experiências que o mundo colocou em sua vida, e continua a colocar todos os dias, o Padre Victor escolheu a experiência de ser Padre. E por que não ser Padre? E ele se encontrou.

Ele acredita que, por ser uma pessoa muito tímida, tal decisão foi surpreendente para a sua família. E para ele também, mesmo tendo pensado nisso por um longo tempo, mesmo tendo escolhido manter certo segredo de sua escolha vocacional, de querer fazer a experiência sozinho, a decisão final foi surpreendente para ele também. Quando iniciou o acompanhamento vocacional, conversou apenas com a sua mãe e pediu que ela não falasse para mais ninguém. Quando percebeu que não tinha mais o que fazer, que não tinha mais como manter isso em segredo, que não tinha mais jeito mesmo, falou para o seu pai e para os seus irmãos que iria seguir a vida religiosa. Isso a um mês antes de ir para o Seminário.

E é claro que, como todos aqueles que buscam uma formação, a caminhada não é fácil. E a caminhada em um Seminário também não é. Nesta caminhada de aprofundamento e de discernimento humano, pastoral, intelectual e espiritual, os seminaristas enfrentam muitos desafios, mas aprendem muito uns com os outros e com todos aqueles que partilham com eles desta caminhada.

Para o Padre Victor, um grande desafio, até hoje, é a exposição inerente à vocação presbiteral, que é falar ao grande público, estar à frente de uma assembleia repleta de gente. E toda esta timidez, todo este nervosismo, toda esta ansiedade dão lugar à uma única certeza: de estar, naquele momento, a serviço de um bem maior. Nas palavras dele,

“Quando eu estou ali, eu estou a serviço. Eu não percebo ali o Victor, eu percebo o Padre Victor, que está exercendo um serviço para o qual ele foi preparado, e o qual ele preparou. Então, eu acho que isso me deixa um pouco mais tranquilo no sentido de vencer e de perceber que nenhum medo deve ser maior do que o seu chamado, que é a vocação. Eu sentia muito isso: o que era mais forte, o meu chamado ou meu medo? E no fundo, meu medo é grande, mas o meu chamado é muito maior.”

Em 2013, na JMJ – Jornada Mundial da Juventude, foi para o Rio de Janeiro, onde ocorreu o evento. Lá, viu toda a força e as atitudes do Papa Francisco, uma pessoa que sempre o inspirou e inspira até hoje; e também viu milhares de pessoas, uma diferente da outra, cada uma com seu estilo de vida, presentes ali com o objetivo de seguir Cristo Jesus. E o Padre Victor se questionou: Por que não? Acreditou tratar-se de coisa de adolescente, cuja mente vive povoada de questionamentos e que iria passar logo. E a inspiração veio também de outros padres, que se tornaram referência para ele.

O despertar para a vida presbiteral surgiu ali, por volta dos quinze anos. Ele conta que, a partir do primeiro instante que pensou nisso, não mais conseguiu deixar de pensar e logo, aos dezoito anos, entrou para o Seminário para ver se realmente era isso. E era!!!

Houve momentos de crise, que para ele serviram como amadurecimento. E nestes momentos, seu diretor espiritual, padres e seminaristas e toda a equipe formativa fizeram toda a diferença, pois atuaram como uma rede de apoio na qual o Padre Victor se sentiu acolhido e acompanhado por pessoas que o ajudaram nas tomadas de decisão; e cada um deles deixou a sua marca no padre que ele é hoje.

E hoje o Padre Victor é um padre novo. Foi ordenado em 7 de junho de 2025. Está aprendendo a ser padre e diz que pretende aprender por muito tempo:

“Acho que estou aprendendo a servir de uma forma melhor cada vez mais, a colocar em prática tudo aquilo que eu estudei e para qual eu me preparei, mas acho que eu ainda continuo no aprendizado constante em cada desafio, em cada paróquia, em cada momento, em cada aconselhamento. Eu me lembro de um padre que dizia que o maior medo dele era a confissão, porque não sabia o que iria falar para a pessoa, pois era um momento muito rápido. E eu nunca tinha entendido esse medo, e agora eu entendo; mas mesmo assim, eu sei que sempre se inspira uma palavra, você sempre consegue falar alguma coisa, porque você passou por muita coisa e viu muitas histórias e aprendeu por muitas pessoas, então você procura direcionar de acordo com a experiência que você já teve de aprendizado, e a presença de Jesus sempre faz a diferença. Então, não fica pior do que já está, mas o Senhor sempre procura propor um caminho.”

E nos caminhos que a vida propõe, os presbíteros sempre são impulsionados a assumirem novos desafios. Às vezes, para nós leigos, é difícil entender as transições dos Padres, o vínculo que se encerra aqui e recomeça em outro lugar; as raízes que vão se firmando e crescem livres em um lugar longe; hoje estão aqui conosco, amanhã, podem ser transferidos para outra paróquia. Mas para o Padre Victor, isso faz parte da missão que decidiu

assumir, pois assim que foi ordenado, tornou-se vigário na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, em São Bernardo do Campo e agora está como vigário em nossa Paróquia Santíssima Virgem:

Bom, acho que mais uma vez é a referência do medo: do medo do confortável, do medo do que você já conhece e da expectativa do novo. Então eu percebi que Deus sempre me surpreendeu, seja indo pra Guadalupe, seja por onde eu passei. Se você me perguntasse se eu queria ir para Guadalupe, eu iria falar que não, mas se você me perguntasse, agora, se eu queria ter saído da Guadalupe, eu também iria falar que não. Acho que se resume a um sim maior, que é o SIM à vontade de Deus, e eu enxergo muito a vontade de Deus naquelas pessoas que têm responsabilidade por guiar a Igreja. Eu percebi a vontade de Deus no pedido do Bispo Dom Pedro Carlos para que eu viesse para a Paróquia Santíssima Virgem e, por isso, eu disse SIM.

E a Igreja deve ser um local e um instrumento de mudança social, não somente para os paroquianos que ali frequentam, mas para todos no seu entorno também; e que todos saibam que ali é um lugar, um espaço para Deus, pois a força da Igreja deve ir para além de suas paredes.

E o Padre Victor tem se sentido bem nestes poucos meses em nossa Paróquia. Pela quantidade de pessoas, ainda acha desafiador gravar o nome dos paroquianos, mas tem se esforçado e procurado interagir com o maior número de pessoas. E afirma que a Comunidade tem sido muito acolhedora, e em agradecimento, ele nos deixa uma bela mensagem:

“Eu tenho Jesus como amigo. Fiz essa amizade com Aquele que me chamou e me levou a estar aqui (na Paróquia Santíssima Virgem). E sendo amigo de Jesus, somos todos irmãos. A minha mensagem é de caminharmos juntos, de percebermos como que em Cristo nós somos reunidos e nós temos a nossa missão de ser Igreja juntos, como povo de Deus. É saber e aprender a ver Jesus nos outros Padres, mas também aprender a ver Jesus na comunidade, porque a comunidade reunida é também um sinal do Cristo, o Cristo que chama a todos. Então, mais do que ser chamado por tal pessoa, é Cristo que nos chama, nos faz amigos e, então, Ele nos faz caminharmos juntos e sermos Igreja.”

Referências:

Catecismo da Igreja Católica
Diocese de Santo André - <https://diocesesa.org.br/paroquias/paroquia-santanna/>

Por Luciano Domingos
Professor



O MISTÉRIO SALVÍFICO DO CORPO E SANGUE DE CRISTO QUE NOS GUARDA PARA A VIDA ETERNA

A presença completa de Jesus

Na vivência da fé católica, a Páscoa é a solenidade das solenidades. No tríduo pascal, celebramos na quinta-feira santa a última ceia do Senhor, na qual ele instituiu a Santa Eucaristia.

Para que possamos tomar contato com a profundidade deste mistério, convém lembrar esta síntese de verdades com que os Padres do Concílio de Trento julgaram dever iniciar a matéria do Sacrossanto Mistério Eucarístico: "O nosso Salvador, na última Ceia, na noite em que foi traído, instituiu o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar o Sacrifício da Cruz pelos séculos afora, até à sua vinda, deixando deste modo à Igreja, sua dileta Esposa, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que se recebe Cristo, se enche a alma de graça e é dado o penhor da glória futura".

Na Solenidade de Corpus Christi, expressão latina para "Corpo de Cristo", celebramos a presença real de Jesus na Eucaristia. A festa é marcada por missas, procissões públicas e a tradicional confecção de tapetes coloridos.

No livro do Deuteronômio encontramos o maná como prefiguração da Eucaristia, o pão do céu: "Foi ele que fez jorrar água para ti da pedra duríssima, e te alimentou no deserto com maná, que teus pais não conheciam". Esse versículo nos faz refletir sobre o amor e a fidelidade de Deus à sua aliança, pois mesmo quando o povo quebra a

comunhão, Ele continua a cuidar, alimentando-os com o maná que fazia cair diariamente do céu. A Eucaristia é esse alimento que nos nutre, enquanto caminhamos nesta terra, a fim de gerar vida em nós para que um dia possamos contemplá-lo face a face. Comungar é receber o próprio autor da Vida.

São João Boaventura disse que Jesus está presente na Eucaristia como está presente no céu, em corpo, alma e divindade, como Deus e como homem sob a aparência de pão. Portanto, comungar não é só entrar em comunhão com Deus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, mas também com Jesus homem.

Em concordância a esta afirmação, o Papa Paulo VI, em sua encíclica *Mysterium Fidei* de 1965, afirma que esta presença chama-se real e substancial, ou seja como Deus e como homem, por completo.

É necessário estar em estado de graça e ter uma boa disposição para nos aproximarmos da comunhão eucarística e lucrarmos com seus benefícios. Para recebermos a graça santificante é necessário ter recebido o sacramento do batismo, e sempre que necessário buscarmos a confissão. E aqui vale um alerta: Não devemos banalizar a confissão, recorrendo a ela por qualquer motivo, e menos ainda por sermos escrupulosos. No caso de dúvida, convém procurar o diretor espiritual e, após sua orientação obedecê-lo e assim vivenciar a fé de maneira equilibrada. Quem se aproxima da comunhão com devoção pode aumentar a graça

santificante do sacramento na sua vida. Com uma boa disposição interior e deixando de lado a distração, a comunhão gera devoção na alma, fervor na caridade e doçura espiritual. A eucaristia fortalece nosso organismo espiritual, que é formado por caridade, virtudes infusas, dons do Espírito Santo, sermos morada de Deus, fé e esperança.

Outro ponto a se destacar é que a eucaristia perdoa os pecados veniais. O Concílio de Trento afirma que a eucaristia é o antídoto pelos qual somos libertados das culpas cotidianas e preservados dos pecados mortais. É propício lembrar que pecados veniais não são parte da nossa identidade. Se damos espaço para que comportamentos de falta de caridade e impaciência no tratamento ao próximo, isso gera tibieza em nós, que é uma espécie de tratado de paz com os pecados veniais; os quais devem ser diariamente combatidos com a busca da vivência das virtudes. As virtudes crescem todas juntas, então combater um pecado venial por vez nos ajuda, aos poucos, a crescer em virtude.

A eucaristia recebida com boa disposição também atenua as penas do purgatório e nos obtém a glória do céu, além de nos livrar da concupiscência (tendência à queda no pecado).

Para aqueles que têm o hábito da comunhão diária, que é algo que todos deveríamos almejar, vale

Referências:

<https://padrepauloricardo.org/episodios/a-presenca-real-de-jesus-na-eucaristia>
<https://padrepauloricardo.org/episodios/precisamos-ter-fome-da-eucaristia>
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html

Por Rosiani do Amaral e Silva Moraes

Psicóloga Clínica, pós-graduada em Administração e Pós graduanda em Neurociência e Comportamento Alimentar. Paroquiana da Catedral do Carmo em Santo André. Realiza um trabalho de Evangelização de Mulheres, e juntamente com seu esposo apresenta o Programa Grupo de Oração Nos Braços da Imaculada, na Rádio Milícia da Imaculada.



lembrar do que o Senhor revelou à leiga Sophie Prouvier, referindo-se àqueles que comungam diariamente, na ocasião em que ela viu o coração eucarístico de Jesus: "Essas almas me rodeiam, mas não me consolam. O meu coração pede amor, como um pobre pede pão". É necessário que tenhamos um desejo profundo pela comunhão do Corpo e Sangue de Cristo, desejo este que se faz com antecipação desejando e querendo com humildade, fé e confiança e, posteriormente, reservando tempo para ação de graças, por meio do recolhimento, para que se imprima profundamente em nossa alma o amor desse Senhor, como disse Santa Teresa d'Ávila, em Caminho de Perfeição.

Abrirmo-nos para os efeitos maravilhosos da comunhão do Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus na eucaristia transbordará nossas mãos de bênçãos, nos oferecerá ajuda na mudança de comportamentos e será remédio para a nossa alma, nos propiciando viver já aqui nesta terra o vislumbre do Céu, no qual viveremos em plenitude todas as graças conquistadas por Jesus na Cruz do Calvário.



Aquele que Habita em Nós

Uma reflexão sobre o Espírito Santo na Igreja

Toda vez que nós proclamamos o “Creio” na Missa, passamos por uma afirmação que, de tão repetida, corre o risco de não mais nos surpreender: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida.” São poucas palavras. Mas carregam séculos de fé, de conflito, de descoberta e de graça.

É curioso notar que nos primeiros três séculos da Igreja, o Credo mais antigo que conhecemos, o chamado Símbolo Apostólico, limitava-se a dizer simplesmente “Creio no Espírito Santo”, sem nenhuma explicação adicional. A fé estava lá, viva e real, mas ainda não havia encontrado a forma precisa de se dizer. Foi a pressão das heresias, e não a acomodação, que levou a Igreja a aprofundar o que sempre acreditara. E foi exatamente aí, nesse processo de clarificação dolorosa e necessária, que a confissão da plena divindade do Espírito Santo ganhou a formulação que carregamos até hoje.

No Concílio Ecumênico de Constantinopla, em 381, sob a influência decisiva de São Basílio Magno, a Igreja declarou que ao Espírito Santo são devidos a mesma glória e o mesmo culto que ao Pai e ao Filho. Não era uma novidade inventada, era uma verdade que a experiência cristã já vivia, e que precisava de palavras à sua altura. São Gregório de Nazianzo, contemporâneo desse momento, não hesitou: “O Espírito Santo é Deus? Certamente.”

Mas o que significa tudo isso para nós, hoje, sentados nos bancos de uma paróquia no século XXI? Significa muito mais do que parece.

Quando o Credo afirma que o Espírito Santo “dá a vida”, não está falando de um sopro genérico, de uma energia vaga, de uma força cósmica indeterminada. Está falando de uma vida específica, com nome e endereço: a vida de Cristo, a vida sobrenatural de filhos de Deus, que se instala dentro de nós pelo Batismo e cresce pela fé e pelos sacramentos. Paulo o diz sem rodeios:

“A lei do Espírito, que dá vida em Cristo Jesus, libertou-vos da lei do pecado e da morte”
(Rm 8,2).

Essa vida que o Espírito dá não é provisória. Não tem prazo de validade. É vida eterna. E aqui está, talvez, a notícia mais consoladora que nos traz o Credo. Vivemos num tempo em que o sofrimento parece sem resposta, em que a injustiça impera muitas vezes sem punição, em que a morte chega e leva sem pedir licença. A tentação de concluir que tudo acaba aqui, que não há resgate para o que dói, é real e compreensível. Mas a fé e esperança no Espírito Santo nos

arranca dessa armadilha. Elas nos recordam que o mesmo Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos habita em nós, e que essa habitação não é decorativa. É transformadora. É promissória.

“Se o Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus de entre os mortos, habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo de entre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais pelo seu Espírito, que habita em vós” (Rm 8,11).

Habita em vós. Habita em nós.

Essa pequena frase merece ser guardada e relida devagar.

O Espírito Santo não é alguém distante, reservado aos místicos, aos santos canonizados, às experiências extraordinárias. Ele habita em cada batizado. Age no silêncio da consciência, na força que aparece quando achávamos que não havia mais. Age na voz do catequista que persevera, na paciência do pai ou da mãe que insiste em transmitir a fé, na coragem do jovem que decide viver diferente do que o mundo manda.

Na catequese, o Espírito Santo não é um tema entre outros. É o protagonista silencioso de todo encontro, de toda partilha, de toda conversa que abre o coração. Quando um catequizando começa a fazer perguntas sérias sobre Deus, quando alguém que nunca orou experimenta orar, quando uma família volta a reunir-se em nome da fé, ali está o Espírito. Não como magia, mas como presença fiel e discreta, que respeita a liberdade e ao mesmo tempo a convida a ir além.

Crer no Espírito Santo é crer que não estamos sozinhos nessa caminhada. É crer que a Igreja não se sustenta pela

competência dos seus membros, nem pela beleza das suas estruturas, mas por Aquele que soprou sobre o caos e fez ordem, que desceu sobre os apóstolos com línguas de fogo e transformou pescadores em testemunhas do Ressuscitado.

Neste tempo pascal em que vivemos os cinquenta dias de alegria, a pergunta que fica não é teológica, é existencial: deixo o Espírito Santo agir em mim? Abro espaço para Ele, ou o afogo no barulho, na pressa, na autossuficiência do dia a dia?

O Papa Francisco nos convidava a cultivar essa fé, especialmente por aqueles que, sem culpa, ainda não chegaram a ela. E nos lembrava, com a delicadeza que lhe era própria, de dar graças por essa dádiva que foi comprada a um preço altíssimo, afinal foi pelo sacrifício de Jesus que temos o Espírito Santo. João 14,16-17: “E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Consolador, a fim de que esteja com vocês para sempre: o Espírito da verdade...”. João 14,26: “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”

Enfim, nesse tempo Pascal, devemos reavivar a fé. Devemos real e verdadeiramente celebrar esse tempo que nos prepara ao Pentecostes. 40, foram os dias de preparação ao sacrifício, mas 50 dias são de festa pascal a qual nos vai dar o derramamento do (Paráclito) Espírito Santo.

Final, há um hóspede dentro de nós. Ele não veio de passagem.



Referências:

FRANCISCO, Papa. O Espírito Santo na fé da Igreja. Audiência Geral, 16 out. 2024.

Disponível em: <https://catequesehoje.org.br/raizes/catequese-do-papa/3096-o-espírito-santo-na-fe-da-igreja>.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

Por Ivanir Júnior
Publicitário e Catequista





No ano de 1582, o então Papa Gregório XIII substituiu o Calendário Juliano pelo Calendário Gregoriano. Embora nem todos os países do mundo o adotem como calendário oficial, é um sistema mundialmente utilizado para fins civis, administrativos e comerciais. A Igreja Católica é um exemplo de instituição que adota, paralelamente ao calendário civil (gregoriano), um calendário próprio: o Calendário Litúrgico (ou Ano Litúrgico), que se inicia no 1º Domingo do Advento e encerra-se com a Festa de Cristo Rei.

O Calendário Litúrgico é dividido em cinco tempos (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa e Tempo Comum) que celebram a vida e a realidade de Jesus Cristo na Igreja. Cada tempo é marcado por cores específicas, cantos, celebrações. E, em algumas paróquias, por sua incrível peculiaridade, brinca-se com a existência de um sexto tempo: o Tempo da Quermesse.

As primeiras quermesses surgiram na Idade Média (ou Medieval), nas regiões da Bélgica e Países Baixos, tanto que a palavra atual, QUERMESSE, deriva do termo flamengo kerkmisse ou kerkmisse (kerk = igreja, messe = feira, missa). Eram eventos que misturavam as tradições pagãs dos festejos das colheitas e do verão com os rituais e celebrações cristãs da Igreja Católica, geralmente em honra ao padroeiro ou festa de algum santo, e aconteciam ao ar livre e contavam com a grande participação da população.

Logo, tais festas expandiram-se além das regiões belgo-neerlandesas e encontraram abrigo em diversas paróquias mundo afora, chegando ao Brasil com os colonizadores portugueses. E nas caravelas também chegaram as devoções a Santo Antônio, São Pedro e São João, fortalecendo as quermesses como as Festas Juninas que celebram estes grandes santos. Hoje, temos no Brasil grandes Festas Juninas, especialmente na Região Nordeste, e também grandes quermesses.

E em nossa paróquia, realizamos com orgulho a Quermesse da Santíssima Virgem, carinhosamente chamada de QUERMESSE DA SANTÍSSIMA, considerada uma das maiores (e melhores, grifo próprio) da região. Por um longo período, a quermesse era realizada no entorno da Igreja Santíssima Virgem, a Igrejinha Azul. As barracas de madeira eram montadas junto às grades que protegiam os jardins e as barracas do Bingo e do Churrasco eram montadas no

estacionamento da frente, voltado para a Avenida Lucas Nogueira Garcês. Com o tempo, as ruas ao redor da Igreja não mais comportaram o grande número de pessoas que ali acorriam para participarem.

Atualmente, a QUERMESSE DA SANTÍSSIMA acontece em um grande espaço localizado à Rua do Túnel, próximo ao Parque Raphael Lazzuri. Este ano, juntamente com o Padre Vagner, nosso pároco, estão à frente da Quermesse os coordenadores da Pastoral Familiar Dani e Igor e Kátia e Chico. E os desafios são os mesmos dos anos anteriores: coordenar um grande número de paroquianos que dispõem do seu tempo, missionariamente, a fim de levar momentos de alegria, diversão e, como de costume, boa gastronomia a todos que se achegarem à Quermesse e arrecadar fundos para a manutenção das obras assistenciais e administrativas (construções e reformas, impostos e taxas, etc.) da paróquia.

Quando se fala em diversão em uma quermesse, vem a nossa mente a Pesca para as crianças e o Bingo, com suas prendas e prêmios, a emoção em cada número sorteado e os gritos 'Tô na boa', 'Bingo! Deu aqui' entalados na garganta. E é impossível escolher a melhor barraca, pois quando se fala em boa gastronomia, não podemos deixar de falar das barracas típicas que nos trazem alegria por meio dos diversos sabores: Churrasco, Calabresa, Milho, Doces, Salgados, Caldos, Pizza, Batata Frita e a famosa e inesquecível Fogazzola. E muito, mas muito mais. Esperemos pelas novidades para este ano.

Acima de tudo, o que realmente dá orgulho é ver os paroquianos dedicarem o seu tempo e trabalharem nesta quermesse. Nas celebrações eucarísticas que abrem a Quermesse todos os sábados, são ofertadas todas as alegrias que movem os participantes, e também os contratempos que poderão surgir, mas serão superados. Neste 'Tempo da Quermesse', que a nossa dedicação e entrega sejam com o objetivo de levar Cristo Jesus a todos que deste evento participarem, e que Maria, a Santíssima Virgem, possa nos conduzir pela mão durante todo este período da QUERMESSE DA SANTÍSSIMA.

Por Luciano Domingos
Professor



Ansiedade: um convite à confiança



Em meio às exigências do dia a dia, é comum que o coração se encha de preocupações com o futuro. A ansiedade, muitas vezes, surge como esse estado de inquietação diante do que ainda não aconteceu, mas que imaginamos que pode dar errado.

Esse cotidiano muitas vezes caótico, cheio de pressa, de cobranças nos faz vivenciar e iniciar esse estado de silêncio profundo e adocedor, que em algumas situações os sinais são negligenciados por não nos observarmos.

A psicologia, especialmente a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), ensina-nos que não são apenas os acontecimentos que geram ansiedade, mas principalmente os nossos pensamentos sobre eles. Quando alimentamos ideias como "eu não vou conseguir" ou "algo ruim está por vir", nosso corpo e nossas emoções respondem com medo e tensão.

Por isso, um dos caminhos propostos pela TCC é aprender a reconhecer e questionar esses pensamentos, buscando uma visão mais equilibrada da realidade e positiva. Esse exercício nos ajuda a viver com mais consciência e menos sofrimento antecipado.

Essa perspectiva dialoga profundamente com o ensinamento de Jesus: "Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã..." (Mt 6,34). Mais do que um conselho, esse é um ato de confiança. Deus não nos pede que ignoremos os desafios, mas que não deixemos que o medo do futuro nos impeça de viver o presente com fé.

Viktor Frankl, psiquiatra e fundador da Logoterapia, nos recorda que o ser humano é movido pelo sentido. Mesmo

nas situações difíceis, é possível encontrar um propósito. Para nós cristãos, esse sentido está profundamente ligado à nossa relação com Deus. Diante da ansiedade, podemos nos perguntar: o que o Senhor me pede hoje?

A tradição da Igreja também nos oferece caminhos concretos: a oração, a confiança na Providência e a vivência dos sacramentos fortalecem o coração e trazem paz interior. Não se trata de eliminar todas as preocupações, mas de aprender a entregá-las.

A ansiedade, então, pode se transformar em um convite. Isso mesmo: em um convite para cuidar dos próprios pensamentos, viver um dia de cada vez e confiar que Deus caminha conosco. Entre o medo e a fé, somos chamados a escolher, todos os dias, a confiança.

Referências
ADRIANO, Cón Dr José. Sacramentos: uma introdução. Revista de cultura teológica, n. 33, p. 87-122, 2000.
DOS SANTOS MARTO, Antônio. A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo (Eclesiologia do Vaticano II). Humanística e Teologia, v. 2, n. 2, p. 125-152, 1981.

Neves, José Eldo Santos Das. "O Sacramento da penitência na pastoral da igreja." (2023).

Wolff, Elias. "Sacramentos, símbolos de comunhão: elementos para um mútuo reconhecimento entre as igrejas." HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião 21.64 (2023): e216413-e216413.

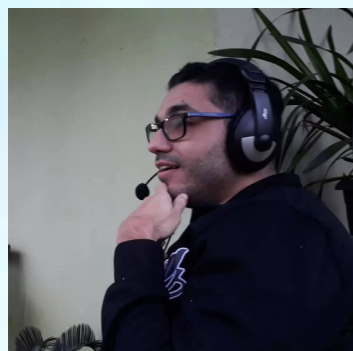
Por Vanice Diane



EU APRENDI QUE NA VIDA A GENTE NÃO PASSA PELO QUE NÃO PRECISA PASSAR

Eu, Bruno Oliveira, nunca entendi a minha vida como especial, diferenciada ou como ser escolhido. Aliás, pelo contrário – sempre entendi que tive uma sorte extra pelo fato de ser pessoa com deficiência, nascida prematura de seis meses, com paralisia cerebral e com o entendimento perfeito do que acontece ao meu redor.

Aprendi que na vida cada experiência tem seu propósito, e a fé em Deus tem sido o alicerce que sustenta todos os meus passos – mesmo aqueles que não consigo dar com os pés. Minha jornada foi moldada para me tornar quem sou: um observador atento, empático e determinado a construir minha história. Encontrei na escrita e na poesia uma forma de compartilhar minha visão de mundo e participo de grupos de apoio para jovens com deficiência em São Paulo, inspirando-os a não deixar que desafios definam seus limites.



A dependência física para algumas necessidades básicas sempre foi um desafio, inclusive causou depressão entre 2005 e 2011, quando estava no colegial. A escola falava em inclusão, mas não oferecia estrutura necessária – colegas levavam-me ao banheiro às vezes só para sair da sala, e eu chegava a casa sujo, tendo que tomar

banho novamente. Certa vez, uma servente me obrigou a voltar para a sala mesmo precisando ir ao banheiro. Decidimos que eu não voltaria mais, e concluí o ensino médio pelo ENCCEJA.

Naquela época, morava no bairro do Rosário, em Santos, e perdi a vontade de viver. Minha avó, que tinha o hábito de mascar a língua como chiclete – um costume que eu também adquiri – viu meu sofrimento e me convidou para morar com ela.

Minha mãe sabia que algo não estava certo, mas eu encontrei na fé uma força transformadora. Passei por um tratamento espiritual chamado apometria, no qual se descobriu que minha vida seria mais feliz na condição de padre.

De 2011 a 2016, minha mãe lutou contra o câncer – na minha opinião, a doença mais cruel que existe. Muitas vezes, durante a noite, conversei com Deus pedindo que ela ficasse e que eu fosse levado embora. Cheguei a propor um acordo: se ela ficasse viva e saudável, eu faria Teologia. Mas em cinco de fevereiro de 2021, ela faleceu – e foi nesse momento que minha fé se fortaleceu ainda mais. Quando criança, não rezava nem tinha con-

tato com Deus, pois achava que não era digno de sua atenção. Mas depois da morte dela, me reconhecí como filho de Deus, do Criador dos céus e da terra – e essa proximidade me deu forças para seguir em frente.

Recentemente, voltei a pensar na ideia de ser padre após o convite do padre Rameshi – um padre indiano que atuava em Juquiá, cidade da minha família materna. Foi ele quem fez a cerimônia de sepultamento da minha mãe. Na ocasião, ele me convidou para estudar Teologia, mas partiu para o Norte do país para continuar sua missão. Logo em seguida, eu também vim para São Paulo, mas a ideia de fazer Teologia permanece na minha cabeça.

E por que falo sobre ir para o seminário? Porque é a melhor forma de refletir sobre mim mesmo, de forma total e sem

preconceito. A clausura proporciona autoconhecimento profundo, e eu já estou em clausura emocional há cinco anos, desde a morte da minha mãe. Essa distância interior me preparou para essa jornada de introspecção que o seminário proporciona.

De qualquer forma, nada impede que eu faça Teologia. Acredito que também não deveria haver obstáculos para ser padre, pois há registros de sacerdotes com deficiência em outros países, inclusive na América do Norte. Isso reforça que vocação e capacidade de servir são mais importantes do que limitações físicas.

Ainda não sei se há impedimento no Direito Canônico para ser padre, pois não pesquisei. Mas essa dúvida não diminui a minha vontade de buscar esse caminho, sempre buscando servir e glorificar o nome de Deus.

Essa conexão me faz sentir alguém que leva a palavra e o amor de Deus para as pessoas ao meu redor. Mas a ideia de servir formalmente me faz refletir se essa é a continuidade do chamado, se é minha missão.

Qualquer coisa que aconteça, eu entrego tudo nas mãos de Deus e que seja feita a sua vontade. Hoje não me preocupa o julgamento das pessoas, mas sim o que Deus quer de mim – por isso tento corrigir minhas atitudes, para que meu julgamento na eternidade seja o mais leve possível.

É por isso que, nos últimos cinco anos, mudei meu comportamento e minhas atitudes. Eu era preocupado em buscar conflito, em ser compreendido, em que me vissem como ser humano além da condição física. Buscava me

defender dos julgamentos humanos. Hoje não faço o personagem que as pessoas querem que eu seja. Aprendi, depois da morte da minha mãe, que estamos de passagem – e não vejo a hora de voltar para casa, que não é física, mas espiritual.

Meu principal objetivo hoje é isso: escrevo, criei e apresento o programa “Consciência Inclusiva”, que fala sobre a pessoa com deficiência e sua vida no dia a dia. E não abro mão de um princípio: a valorização humana, independente da condição física.

Eu não busco aplausos nem aprovação de ninguém. Preocupo-me com o que Deus quer de mim e com a missão que me deu. Tenho satisfação pelo que faço, pois quero chegar ao final da vida e dizer que fiz o que pude pela valorização da pessoa com deficiência. Fiz tudo o que tinha na mão. Se fiz bem ou não, não sei dizer, mas faço o que posso para que as pessoas que vierem depois de mim sejam tratadas como ser humano acima de tudo.

Um dia conheci “A Luta pela Fé: A História do Padre Stu”, um filme biográfico baseado na trajetória real de Stuart Long, que passou de boxeador amador a padre católico, enfrentando desafios físicos e espirituais ao longo de sua vida. Essa história trouxe de volta a conexão entre mim e a doutrina católica – a minha doutrina original, que há tempos buscava retomar com clareza e propósito.

Stuart Long nasceu em 1963 e cresceu em Helena, Montana, em uma família agnóstica marcada pela perda precoce de um irmão mais novo. Na faculdade de Letras, ele se destacou no boxe, conquistando o título de peso-pesado das Luvas de Ouro de Montana em 1985 e ficando em segundo lugar no ano seguinte. No entanto, uma fratura grave na mandíbula durante uma luta, seguida de infecção e cirurgia reconstrutiva, pôs fim aos seus planos de carreira profissional.



Em busca de novas oportunidades, ele se mudou para Los Angeles para tentar a carreira de ator, participando de comerciais e papéis menores, mas acabou se desencantando

com a indústria e passou a trabalhar em um museu. Em 1992, um grave acidente de motocicleta quase o vitimou; durante a recuperação, relatou uma experiência religiosa profunda que iniciou sua busca espiritual. Ao se preparar para casar com sua namorada católica, ele ingressou no processo de iniciação cristã e, no momento do batismo em 1994, sentiu o chamado ao sacerdócio.

Durante sua formação no seminário, sua saúde começou a deteriorar-se. Após a remoção de um tumor no quadril, foi diagnosticado com miosite por corpos de inclusão (MCI), uma doença autoimune rara e sem cura que causa inflamação, fraqueza e atrofia muscular progressiva. Embora inicialmente

houvesse confusão com a polimiosite – outra doença inflamatória muscular autoimune que também causa fraqueza proximal, dor e fadiga, mas sem lesões cutâneas como na dermatomiosite – os registros confirmam que a condição de Stuart foi a MCI.

A progressão da doença gerou preocupação na Diocese de Helena, que questionava sua capacidade de desempenhar as funções do sacerdócio. No entanto, após reflexão e oração, o Bispo George Leo Thomas decidiu ordená-lo em dezembro de 2007, reconhecendo o poder do sofrimento como parte de seu ministério. Stuart serviu nas paróquias de Helena, contando com o apoio de seus pais – que se converteram ao catolicismo durante esse período – até seu falecimento em 9 de junho de 2014, aos 50 anos.

O filme destaca a resiliência e a força da fé, mantendo a essência histórica de sua jornada. A cena da reação de Carmen é bem impactante: Stuart Long se interessa pela Igreja Católica inicialmente por causa de Carmen, por quem se apaixona. Ela o incentiva a participar de um curso de iniciação cristã para se batizar, pois eles já namoravam e moravam juntos – no longa-metragem, é dramatizado como condição para namorar, mas na realidade era para casar. Ela está muito abalada e confusa, pois imaginavam construir uma vida juntos, e a decisão de Stuart de seguir a vocação a pega de surpresa. A atuação de Teresa Ruiz transmite bem a dor dessa reviravolta, mas também um toque de respeito por algo que ele sente como um chamado maior.

O mais importante dessa história – e do que ela representa para mim – é o chamado de Deus, que pode ultrapassar qualquer plano humano e levar a transformações inimagináveis, assim como tem feito em minha própria jornada de retorno à fé católica. Não frequento igreja, por falta de condição de locomoção. A chamada casa do Pai, mas eu converso com Deus Pai a partir do meu quarto.



O Padre Stuart faleceu em 9 de junho de 2014, aos 50 anos. Em 2022, sua vida foi retratada no filme Father Stu, estrelado por Mark Wahlberg.

Referência:
<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/o-boxeador-que-virou-padre-historia-real-por-tras-do-filme-sobre-o-padre-stu.html>

Por Por Bruno Oliveira F de



DEUS NOS FEZ ASSIM? A BELEZA QUE NASCE FORA DO PADRÃO

Há uma pergunta silenciosa que atravessa muitas vidas: por que Deus me fez assim? Quando o corpo foge ao esperado, especialmente na experiência de quem nasce com deficiência, esse questionamento pode trazer dor, mas também abre caminho para uma compreensão mais profunda da fé.



A sagrada escritura nos recorda, no Salmo 139, 13-14:
¹³ Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe.
¹⁴ Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável. Tuas obras são

maravilhosas! Disso tenho plena certeza.

Não há erro na obra divina. Cada corpo, com suas formas, limites e possibilidades, expressa a intenção e o amor de Deus. Ainda que a sociedade imponha padrões rígidos de beleza, a fé nos convida a enxergar além: a verdadeira beleza não está na aparência, mas na dignidade de ser criatura de Deus. Ela é plural, carregada de sentido e valor.

Anny Souza, jovem brasileira que ficou tetraplégica após um acidente, testemunha: “Passei anos perguntando a Deus por que eu tinha que passar por isso. Hoje entendo que minha vida não é um erro, é um chamado. Minha deficiência não me diminui, ela me revela.” Sua experiência mostra que, iluminada pela fé, o limite pode se tornar expressão de graça.

Também Ariete Angotti, mulher com nanismo, encontrou sentido em sua trajetória: “Eu não fui feita para caber no padrão, fui feita para cumprir um propósito”. Sua fala reforça que existir já é missão, e que a diferença não é obstáculo, mas manifestação da vontade divina.

Comparar-se é esquecer a própria singularidade. Cada pessoa foi criada com um propósito único, tecido com sabedoria. Nada

é aleatório. A própria criação da mulher, em Gênesis, revela essa lógica: da costela de Adão surge Eva, mostrando que Deus transforma o que parece ausência em plenitude. Sob esse olhar, até a limitação pode ser compreendida como parte de um plano maior.

Assim, a pergunta inicial se transforma: mais do que “por que Deus me fez assim?”, temos que perguntar “para que Deus me fez assim?”. A resposta não é imediata, mas aponta para uma verdade maior: tudo participa de uma ordem divina, onde cada detalhe tem propósito.

A beleza deixa de ser padrão e torna-se manifestação. Deus cria na diversidade, sustenta na diferença e conduz cada vida segundo sua vontade. Cabe a nós não a comparação, mas a entrega; não a recusa, mas o reconhecimento de que o próprio corpo é instrumento vivo desse plano. Viver é corresponder a esse chamado. E é nessa consciência que nasce o verdadeiro sentido da existência: reconhecer-se parte de uma criação onde tudo tem propósito. A beleza, afinal, não está no padrão, mas na pluralidade criada por Deus.



Expressão viva de um amor que não erra, não falha e não cria por acaso. Sejamos inteiros.

Cada corpo reflete a imagem de Deus, e quando nos olhamos no

espelho, vemos traços da criação divina. Somos feitos à semelhança do nosso Criador Todo-Poderoso. E isso não é apenas uma verdade espiritual, mas uma realidade que deve transformar nossa autoestima e nossa forma de viver.

Que estas palavras sejam um convite à reconciliação com o próprio corpo e à vivência plena da fé. Porque quando aceitamos quem somos, honramos o Criador. E quando oferecemos nossa vida como ela é, tornamo-nos instrumento do seu amor.

Se gostou dessa reflexão, fico à disposição no endereço eletrônico: vivereficiente@gmail.com ou acaoincluindo@gmail.com. Aguardo você na próxima edição.

Por Kika de Castro
Fotógrafa



CAMINHOS DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL DA FÉ CATÓLICA



Pertencer à Igreja Católica é ter a oportunidade de manter-se em sintonia com uma renovação espiritual contínua, alicerçada em pilares que sustentam a nossa fé desde o Batismo. Nesse caminho, somos convidados a viver intensamente a fé por meio dos sacramentos, os quais nos oferecem a graça da reconciliação com Deus e nos fortalecem para uma vivência inabalável.

Nesse sentido, Adriano, C. D. J. (2000), ao comentar a Constituição Apostólica Sacrosanctum Concilium, destaca:

“Os sacramentos destinam-se à santificação das pessoas, à edificação do Corpo de Cristo e ao culto a ser prestado a Deus. Sendo sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas por palavras e coisas também a alimentam, a fortalecem e a exprimem. Por esta razão, são chamados sacramentos da fé. Conferem certamente a graça, mas sua celebração também prepara os fiéis do melhor modo possível para receberem frutuosamente a graça, cultuarem devidamente a Deus e praticarem a caridade”.

Ao definir os sacramentos como experiência da “graça de Cristo” e “ações de Deus”, Wolff destaca que os sacramentos são expressões privilegiadas da vida cristã e eclesial, pelos quais a comunidade cristã entende fazer uma das experiências mais profundas da graça de Cristo. Eles são ações de Deus na igreja e através da igreja, tornando também esta uma mediação sacramental da graça crística para o mundo inteiro.

Isso vai de acordo a cada sacramento recebido que somos convidados a renovar as nossas promessas diante de Deus para um renascimento que está alicerçado na confirmação de cada sacramento recebido durante a nossa vida cristã. Antonio Marto afirma que a visão sacramental que perpassa e caracteriza toda a eclesiologia conciliar resulta numa perspectiva histórico-salvífica, a partir do desígnio salvífico universal de Deus, onde é posta em relevo a relação essencial do acontecimento único e definitivo de Cristo e a plenitude escatológica do Reino de Deus.

Podemos destacar aqui o sacramento da Reconciliação como um instrumento vital de transformação interior, cujo propósito

central é a ruptura definitiva com o pecado. De acordo com Neves (2023), o motivo de um cristão buscar a confissão é exatamente este: romper com o pecado. Quem solicita o sacramento da reconciliação, pressupõe, e assim deveria ser, porque reconhece que pecou, que necessita do perdão e deseja reconciliar com Deus e com a Igreja.

A confissão não é apresentada como um ato mecânico, mas exige uma disposição honesta de reconhecer as próprias falhas e a necessidade vital do perdão. Dessa forma, o sacramento opera uma dupla restauração: reconcilia o fiel com Deus, recuperando a graça perdida, e ao mesmo tempo o reintegra à comunidade eclesial, pois a saúde espiritual individual reflete diretamente na comunhão de toda a Igreja.

A confissão não é apenas “pedir desculpas a Deus”, mas sim um encontro transformador que muda a vida da pessoa. É como se fosse um “recomeço” verdadeiro.

O pecado machuca nossa relação com Deus e também com a comunidade; e a confissão restaura as duas coisas: assim como Jesus morreu e ressuscitou, na confissão “morremos” para o pecado e “ressuscitamos” para uma vida nova. A confissão já nos antecipa um pouco do céu, é um gosto da plenitude da salvação que viveremos um dia. A pessoa não sai da confissão apenas “perdoada”, mas renovada, com força nova para viver melhor.

ADRIANO, Cón Dr José. Sacramentos: uma introdução. Revista de cultura teológica, n. 33, p. 87-122, 2000.

DOS SANTOS MARTO, António. A Igreja Peregrina, Sacramento do Mundo.(Eclesiologia do Vaticano II). Humanística e Teologia, v. 2, n. 2, p. 125-152, 1981.

Neves, José Eldo Santos Das. “O Sacramento da penitência na pastoral da igreja.” (2023).

Wolff, Elias. “Sacramentos, símbolos de comunhão: elementos para um mútuo reconhecimento entre as igrejas.” HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião 21.64 (2023): e216413- e216413.

Por Por Robson
Andrade





24 Horas com o Senhor



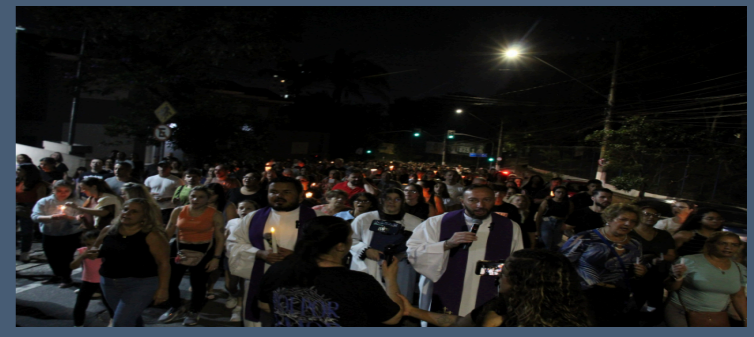
Quinta Santa



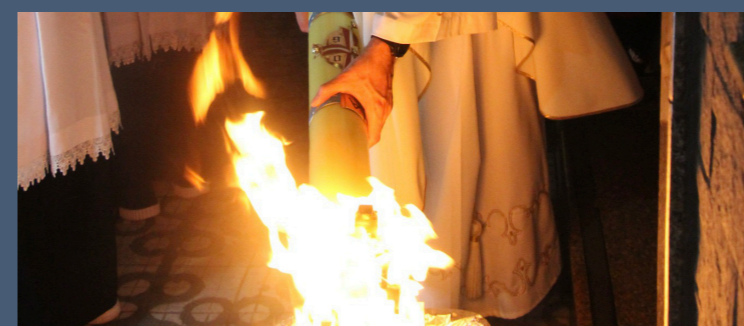
Investidura dos Coroinhas



Sexta-Feira Santa - Procissão do Senhor morto



Retiro de Crisma



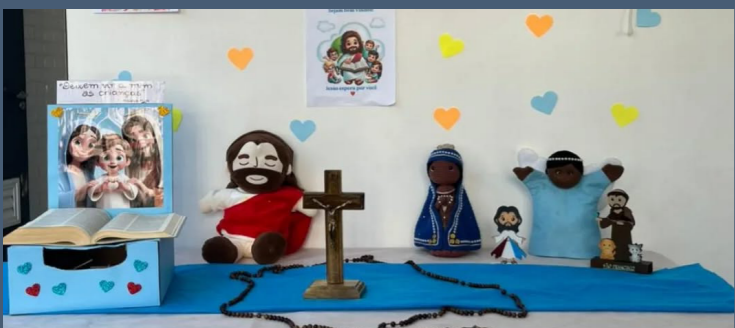
Sábado de Aleluia



Domingo de Ramos



Domingo de Páscoa



Inscrições de Catequese



01 A 31 DE MAIO

CAMPAÑA DE Doação de Sangue

Hemocentro Coisan
Rua Pedro Jacobucci, nº 440 -Jd das Américas - SBC
Horário de coleta: segunda à sexta das 7h30 às 14h30
sábado das 7h30 às 13h30

Paróquia Santíssima Virgem
Av. Lucas Nogueira Garcez, s/n

@paroquiasantissimavirgem

Paróquia da Saúde
Santíssima Digital

Comunidade Cristo Rei
Av. Indico, 601

A TRADICIONAL

QUERMESSE DA SANTÍSSIMA

DE 16 DE MAIO ATÉ 28 DE JUNHO

ADS SÁBADOS DAS 18h às 23h
E ADS DOMINGO DAS 18h às 22h

TRADICIONAIS BARRABEAS:
BEBIDAS QUENTES E FRIAS, DOCES, CALDOS, FOGAZZA, MILHO, CALABRESA, PERNIL, CHURRASCO, BATATA FRITA, ESPETINHOS, SALGADOS, LANCHE DE MORTADELA, HAMBÚRGUER E MUITO MAIS!

ATRAS DO CENÁRIO DO ESPRITIVO
NA RUA DO TUNEL, S/N - SBC

PARÓQUIA SANTÍSSIMA VIRGEM - @PAROQUIASANTISSIMAVIRGEM

Chá Bingo das Mães

Os Coroinhas e Perseverantes convidam para:

Dia: 30.05
Horário: das 14h às 16h30
Local: Salão Santíssima

Traga a mulher da sua vida, para viver este momento conosco de confraternização pelo mês dedicado a Maria e as mães!

Paróquia Santíssima Virgem
Av. Lucas Nogueira Garcez, s/n

@paroquiasantissimavirgem

100º CERCO DE Jericó

PARÓQUIA SANTÍSSIMA VIRGEM

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DE 16 DE ABRIL A 28 DE MAIO

- 16/04 - 1º DIA: CURA DAS ENFERMIDADES ESPIRITUAIS
- 23/04 - 2º DIA: DERRUBANDO AS MURALHAS DAS ENFERMIDADES FÍSICAS
- 30/04 - 3º DIA: DERRUBANDO AS MURALHAS DAS DIFICULDADES FINANCEIRAS
- 07/05 - 4º DIA: DERRUBANDO AS MURALHAS DOS MEDOS
- 14/05 - 5º DIA: DERRUBANDO AS MURALHAS DAS ANGUSTIAS
- 21/05 - 6º DIA: DERRUBANDO AS MURALHAS DOS RANCORES E MÁGOAS DO PASSADO
- 28/05 - 7º DIA: DERRUBANDO AS MURALHAS DOS PROBLEMAS FAMILIARES

@paroquiasantissimavirgem

Comunidade Cristo Rei
Av. Indico, 601

SANTÍSSIMA VIRGEM, TE COROAMOS MÃE QUE LUTAS

31/05 - MISSA ÀS 17h, COM A COROAÇÃO da Santíssima Virgem

PARÓQUIA SANTÍSSIMA VIRGEM

@paroquiasantissimavirgem

Comunidade Cristo Rei
Av. Indico, 601